

“A GENTE CAPTA MELHOR EM ALEMÃO”: O BILINGÜISMO EM UMA COMUNIDADE RURAL TEUTO-BRASILEIRA EM SANTA CATARINA¹

Maristela Pereira FRITZEN²

RESUMO: Por meio deste texto pretendemos discutir a realidade bilíngüe/multilíngüe de uma comunidade teuto-brasileira localizada em Blumenau, SC, em confronto com a educação formal monolíngüe que vem sendo oferecida às crianças bilíngües da região. Os registros foram gerados em consonância com a metodologia da pesquisa etnográfica e interpretativista, que incluem observação participante continuada na escola da localidade em estudo e em eventos realizados em outras instituições sociais locais, anotações de campo reelaboradas em diário, gravações em áudio e vídeo, além de entrevistas com membros do grupo. Com apoio do referencial teórico da área do bilingüismo/multilingüismo como fenômeno social e da educação bilíngüe para minorias, os resultados da análise demonstram, entre outros aspectos, que o alemão como língua de herança é hoje ainda a principal língua de interação no âmbito familiar e nos eventos sociais da comunidade, apesar das tentativas históricas de silenciamento lingüístico de seus falantes e de o bilingüismo dos descendentes de imigrantes não ser reconhecido. Como uma das contribuições deste estudo, esperamos que a pesquisa possa gerar um conhecimento mais detalhado da complexidade sociolingüística do contexto de língua minoritária e que as políticas lingüísticas adotadas no município possam garantir às crianças bilíngües o direito ao bilingüismo (alemão/português) via escolarização.

ABSTRACT: The aim of the present paper is to highlight some aspects of bilingualism in a German minority language community located in Blumenau, South of Brazil. Based on ethnographic research methods, the study describes language use in the social life of the group. The results suggest that the German language has a relevant role until today as the interaction language among the German-Brazilians. Therefore, the bilingual children should have the opportunity to the biliteracy at school, that is, accessing the educational contents both in Portuguese as well as in German languages.

1. INTRODUÇÃO

A fala que abre o presente artigo provém de um dos sujeitos da pesquisa, uma senhora de 50 anos (vide excerto adiante), moradora de uma localidade rural de Blumenau, SC, antiga zona de imigração alemã no Sul do Brasil. Assim como a senhora entrevistada, a maioria dos membros do grupo em estudo são bilíngües, apesar de seu bilingüismo não ser reconhecido pela sociedade majoritária, tampouco pelos indivíduos da comunidade, como acontece com muitos outros grupos de línguas minoritárias (Romaine, 1995; Grosjean, 1982; Cavalcanti, 1999). Ao contrário, de uma forma geral, os grupos teuto-brasileiros da região do Vale do Itajaí sofrem duplo preconceito: por um lado, falam uma língua alemã considerada inferior, um ‘dialeto’, por outro lado, o brasileiro do grupo é estigmatizado por conter as marcas do alemão.

Apesar de o alemão ter sido a língua mais falada, em termos numéricos, até 1940³ no Vale do Itajaí (Blumenau e outras cidades que faziam parte da então Colônia

¹ Embora a palavra *alemão* tenha sido pronunciada *alemon* pela entrevistada, optei por não registrar no título essa pronúncia para não correr o risco de acentuar a estigmatização que a língua alemã do grupo teuto-brasileiro sofre.

² Doutoranda em Lingüística Aplicada da Unicamp e professora da Furb.

Blumenau) e ter desfrutado de prestígio, sendo legitimada por agências de letramento como imprensa, escolas e igreja, com as campanhas de nacionalização (1911 e 1937) a língua sofreu um deslocamento para as áreas rurais, sendo seus falantes hoje identificados, pejorativamente, pela categoria social e étnica “colonos alemães”.

A fim de compreender a situação de bilingüismo da comunidade pesquisada, semelhante a várias outras localizadas em zonas de imigração no Sul do Brasil, e sua relação com a educação oferecida a crianças bilíngües nas escolas locais, venho desenvolvendo um estudo de cunho etnográfico no programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Unicamp. Neste artigo, um recorte do estudo em questão, interessa-me discutir aspectos relacionados aos usos da língua de imigração pelo grupo teuto-brasileiro. Entendo que essa breve descrição deveria ser considerada pelos professores que atuam em regiões bilíngües e pelos responsáveis pela elaboração de políticas lingüísticas no âmbito educacional. Na seção a seguir, passo a relatar e problematizar a posição do alemão como língua de herança na comunidade alvo da pesquisa, por meio dos registros gerados (Mason, 1997) durante o primeiro semestre de 2005, quando estive em campo realizando (i) observação participante na escola local e em eventos promovidos pela escola e outras instituições, (ii) anotações de campo reelaboradas em diário, (iii) entrevistas, (iv) gravações em áudio e vídeo, em consonância com a metodologia da pesquisa etnográfica (Erickson, 1988).

2. A LÍNGUA ALEMÃ NA COMUNIDADE: USOS E FUNÇÕES

Antes do início da pesquisa de campo, não tinha consciência da complexidade sociolingüística presente na região. Primeiro, porque, por muito tempo, inseri-me nos discursos hegemônicos de estigmatização das línguas minoritárias. Segundo, pelo desconhecimento da realidade dos grupos teuto-brasileiros. As primeiras visitas feitas à escola já revelaram a presença viva do alemão na comunidade. Com meu trabalho de campo e, por conseguinte, a convivência com alunos, professores e pais, constatei que o alemão, língua de herança mantida pelos teuto-brasileiros que residem na região, é a língua da comunidade, das relações familiares e sociais do grupo, apesar das tentativas históricas de seu silenciamento.

Em todos os eventos de que participei em 2005, 2006 e 2007, entre eles, Festa de Rei e Rainha do Tiro, culto infantil, culto na igreja, festa de aniversário, além dos eventos sociais promovidos pela escola (Celebração de Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, *Oktoberfest*), o que pude notar é que o alemão é a língua de interação entre as pessoas. Além de ter seu espaço na oralidade, em situações informais, também faz parte de eventos formais, como das Festas de Rei na Sociedade de Caça e Tiro⁴ e dos cultos em alemão na Igreja Evangélica Luterana⁵ da comunidade.

³ Segundo dados do IBGE de 1940, na época, 97% da população de Blumenau usava o alemão cotidianamente, no mínimo, no âmbito familiar.

⁴ Há ainda em Blumenau e região vários clubes de caça e tiro, as antigas *Schützenvereine* – Sociedades de Atiradores, que realizam esse tipo de festa. Durante a ditadura do governo Vargas (1937-1945), a maioria desses clubes antigos tiveram de fechar e só puderam reabrir com nomes em português.

⁵ Os teuto-brasileiros da comunidade alvo da pesquisa são evangélicos luteranos, assim como a maioria, (98%, segundo Mailer, 2003) dos imigrantes alemães que chegaram a Blumenau.

É curioso observar que ao lado do preconceito contra o alemão falado na região e a estigmatização presente na expressão “colono alemão”, juntamente com todas as implicações aí envolvidas, os clubes de caça e tiro e os ditos “colonos alemães” voltam ao cenário urbano e ganham visibilidade durante os desfiles da *Oktoberfest*⁶ na principal rua de Blumenau, a Rua XV de Novembro. Nesse período, em que a cidade está repleta de turistas, é interessante valorizar e visibilizar essas minorias étnico-lingüísticas, normalmente esquecidas, pois elas confirmam as raízes germânicas da cidade, legitimam a cultura alemã dos primeiros colonizadores, conferindo à cidade uma identidade teuto-brasileira blumenauense no cenário nacional.

Em 2005, quando o tema do desfile foi a colonização do Vale do Itajaí, um grupo de pessoas representou os primeiros dezessete imigrantes alemães que chegaram ao Vale do Itajaí para, sob a liderança do Dr. Blumenau, fundar a colônia. Nesse desfile, agricultores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Vila Itoupava, distrito onde se localiza a comunidade pesquisada, participaram do desfile como o “grupo dos colonos”, ressignificando, assim, seu papel, numa “estratégia de sobrevivência”, como diria Bhabha (1996). Essa estratégia de sobrevivência, explica Souza (2004: 125), é tanto transnacional, “porque carrega as marcas das diversas experiências de deslocamentos de origem” como tradutória, “porque exige uma ressignificação dos símbolos culturais tradicionais”.

Voltando os usos do alemão na comunidade, retomo a Festa de Rei, realizada uma vez por ano no clube local. Em 2005, durante o período que estive em campo diariamente, pude participar dessa festa e constatar a importância que ela tem para o grupo. O excerto abaixo ilustra o evento e os usos do alemão.

Excerto 1: Festa de Rei (Diário de campo, 07/05/2005)⁷

(...) No centro do salão havia um grupo de homens, os atiradores, formando um semicírculo e no centro um outro homem, o comandante, que falava e dava instruções ao grupo. Um homem segurava a bandeira do clube, verde e branca, e a banda de música estava junto ao grupo posicionada. Nas mesas em volta do salão, mulheres e crianças se reuniam. No bar, homens trabalhando e outros em pé bebendo. O alemão era a língua de interação ali, em todas as rodas de conversa que pude observar. O comandante falou algo em português, mas logo passou para o alemão. Ele algumas vezes pedia em alemão às pessoas que estavam sentadas às mesas e em pé próximas ao bar que fizessem silêncio. Aquele parecia um ritual sério e, por isso, deveria ser respeitado.

O evento Festa de Rei é ritualizado, possui regras de participação social que regem a interação dos participantes e é realizado dentro de um contexto institucional (Sociedade de Caça e Tiro) que legitima as ações e identidades (comandante, capitão, reis, cavaleiros) dos atores sociais envolvidos. Durante os momentos formais do evento, que incluem a marcha dos homens (atiradores) ostentando suas medalhas já conquistadas e da banda à casa do rei a fim de buscar e acompanhar o rei e os cavaleiros até o salão e a conclamação do novo rei, o comandante, um senhor aparentando mais de cinquenta anos, fez uso da palavra principalmente em alemão, tanto com relação à condução das formalidades do ato, quanto nos momentos em que ele se dirigia ao público para pedir

⁶ Inspirada na *Oktoberfest* de Munique (Alemanha), a *Oktoberfest* de Blumenau, criada em 1984, procura valorizar as tradições e os costumes germânicos.

⁷ Convenções de transcrição: (.) marcação de micropausa, (--) pausa estimada entre 1.0 a 2.0 segundos, (...) omissão de parte da fala, :: prolongamento do som precedente, , elevação média de entonação.

silêncio. Quando, porém, dando continuidade ao ritual, o rei, um homem de no máximo trinta anos, tomou a palavra, falou em português.

Isso talvez confirme o que alguns avós de alunos da escola, com quem tive contato em várias ocasiões festivas e por meio de entrevistas, dizem: entre as gerações mais velhas o alemão é a língua predominante nos usos familiares e sociais. Eles dizem, inclusive, que preferem participar dos cultos da igreja em alemão, conforme assinala a Sra. Isolde Schmitt, avó de duas meninas da escola alvo da pesquisa, no excerto abaixo:

Excerto 2: “A gente capta melhor em alemon” (Entrevista em áudio, 26/04/05)

Sabe a juventude vai pouco no culto pra dizer a verdade né, (.) mas os mais velhos esses preferem mais em alemon (--) quando tem culto assim de santa ceia enton a igreja tá cheia (.) sempre assim aquelas pessoas de mais idade assim que não:::/ eles até entendem em português (.) só que preferem o alemon né, () a gente capta melhor em alemon, né.

Os cultos na Igreja Evangélica Luterana acontecem aos domingos e são celebrados em alemão a cada quinze dias. De acordo com a Sra. Isolde, entre as pessoas com mais idade, há uma preferência em participar do culto em alemão, a língua pela qual eles conseguem compreender, “*captar melhor*”, provavelmente o evangelho e os ensinamentos do pastor. Já os mais jovens, em sua maioria, de acordo com a Sra. Isolde, ou assistem aos cultos em português ou não vão mais à igreja.

As crianças e adolescentes, talvez por serem mais suscetíveis à formação religiosa recebida em casa, parecem mais engajados em atividades promovidas pela igreja. A maioria das crianças da escola participa do culto infantil realizado aos sábados a cada quinze dias. Os que completam treze anos participam semanalmente da doutrina de preparação para a confirmação. Nessas ocasiões, a língua de instrução é o português. Às vezes o alemão entra formalmente quando eles ensaiam algum canto em alemão do *Gesangbuch*, como é chamado o livro de cânticos pelos teuto-brasileiros.

Muitos pais e avós dos alunos, porém, aprenderam a ler em alemão nas aulas de doutrina, pois era somente ministrada em alemão⁸. Uma das merendeiras da escola, Susana, de 30 anos, relatou que aprendera a ler em alemão quando freqüentou as aulas de doutrina, em Pomerode, cidade vizinha de Blumenau e que fazia parte do município de Blumenau até 1959. A Sra. Isolde Schmitt também relembra as aulas de doutrina quando era criança e como teve acesso ao letramento nas duas línguas.

Excerto 3: Doutrina em alemão (Entrevista em áudio, 26/04/05)

Maristela: (...) e a senhora chegou a aprender a ler em alemão?

Isolde: em alemão sim

Maristela: em casa, então?

Isolde: na doutrina e no culto infantil (.) isso meu pai ensinou

Maristela: mas seu pai era pastor?

Isolde: não, não, ele sabia ler em alemon e naquela época todas as crianças ainda aprendiam no culto infantil e na doutrina alemon né (--) hoje já é diferente né, hoje em dia eles aprendem o português, né (...)

meu pai ensinou pra nós ler em alemon e em português (.) as duas coisa né.

⁸ Segundo informações obtidas com o Sr. Hans Kuhn (entrevista, 21/06/07), antes do período da Segunda Guerra as aulas de doutrina eram ministradas em alemão. Com a proibição das línguas de imigração em 1939, passaram a ser ministradas em português. Mais tarde, anos após a guerra, as aulas voltaram a ser ministradas em alemão.

Pelo relato das duas mulheres, uma nascida em 1956 (Sra. Isolde) e outra em 1977 (Susana), pode-se constatar que a Igreja Evangélica Luterana continuou ainda por muitos anos tendo um papel importante na promoção do letramento (Street, 1995, 2000; Barton e Hamilton, 1998; Kleiman, 1995) em alemão nas comunidades teuto-brasileiras da região. Embora sua influência hoje seja menor, ela ainda promove um dos poucos eventos de letramento (Street, 2000) em alemão existentes na comunidade, o culto. A maioria dos avós das crianças que hoje estudam na escola alvo da pesquisa, além das aulas de doutrina em alemão, ainda tinham em casa a referência dos pais, que eram bilingües, como pode ser visto na fala da Sra. Isolde, pois eles haviam freqüentado a escola antes do período da nacionalização do ensino. No caso da geração da Sra. Isolde, o bilingüismo (Hornberger, 2001) não foi mais proporcionado pela escola, mas pela igreja. A escola passou a ser associada unicamente ao português, à aprendizagem do português.

Excerto 4: “Nós não devia falá alemon” (Entrevista em áudio, 26/04/05)

Isolde: lá onde eu estudava lá tinha poucos alemão (.) nós era assim meio perdido lá no meio porque lá a maioria era polaco né, uma boa parte lá era polaco nós só era uma parte assim alemon (.) quando nós ia na aula na época nós não devia falar alemon (--) non, non, nós ficava ali num cantinho aqueles poucos aluno que tinha ali em alemon né,

Maristela: não podia falar alemão por que os outros falavam polonês?

Isolde: português né, nós não sabia português daí a gente não falava com eles porque a gente não se dava né, porque nós falava só aquela turminha que era alemon ficava sempre separada até que a gente entendia melhor, né, depois assim (--) até a quarta série já melhorou né, (...)

Maristela: e a professora, ela falava o quê?

Isolde: não, ela não falava alemon porque ela era uma italiana na época era uma professora muito boa assim, mas ela, ela não se entendia com nós em nada sabe, sempre tinha alguns alunos já maiores de classe a gente se dava com eles e o que a professora não entendia com nós então ela chamava um aluno da outra classe para poder explicar pra ela

O relato da Sra. Isolde revela de alguma forma o cenário multilíngue da região, onde se encontram numa mesma sala de aula descendentes de alemães e poloneses, liderados por uma professora ítalo-brasileira. A experiência de isolamento e silenciamento lingüístico via escolarização (*quando nós ia na aula na época nós não devia falar alemon, (...) nós ficava ali num cantinho*) vivida pela Sra. Isolde não é única. A maioria dos descendentes de imigrantes alemães aprenderam o português somente na escola. Aliás, ainda nos dias de hoje, no caso da comunidade em estudo e regiões rurais vizinhas, há crianças que entram na escola falando alemão apenas. Assim, a escola representa para muitas crianças o lugar onde aprendem a falar, a ler e a escrever em português. Como não houve continuidade das aulas de doutrina em alemão, as gerações mais jovens (no caso, a partir dos pais das crianças da escola) perderam o contato mais efetivo com a escrita em alemão, que as gerações anteriores mantinham, às quais ainda foi possível o bilingüismo em português e alemão.

Quando conversei com um grupo de seis ex-alunos da escola alvo da pesquisa e que hoje estuda na quinta e sexta série da escola estadual situada no centro do distrito onde se localiza a comunidade em estudo, eles comentaram que, quando entraram na escola, ainda no pré-escolar, falavam somente alemão, mas que a professora que tiveram na época falava somente português. Só a partir da 2ª. série tiveram uma professora que falava alemão, o que, segundo eles, facilitou o trabalho. Na escola onde estudam atualmente, o alemão só faz parte do currículo do ensino médio. Com isso, essas crianças

saem da escola multisseriada da localidade em estudo e passam a aprender inglês como língua estrangeira.

Em casa, todas as famílias desses seis adolescentes ainda falam alemão, mas uma das meninas comentou que atualmente fala somente com os avós em alemão, pois já está “*mais acostumada com o português*” (entrevista em áudio, 03/06/05). O fato é que, à medida que vão crescendo, esses jovens vão tendo contato com outros grupos e, na escola, não têm oportunidade de continuarem o aprendizado do alemão. Quando começam a trabalhar, em geral ainda bastante jovens, passam a conviver em ambientes onde nem sempre se fala alemão.

Com frequência ocorre também que esses jovens vão abandonando o alemão por não quererem assumir sua identidade étnica diante de grupos de fora de sua comunidade. Em outras palavras, para serem aceitos em outros grupos, eles precisam se identificar com seus pares, seja com relação à roupa, aos valores, atitudes, seja com relação à língua que falam, como argumenta Grosjean (1982: 162). Quando essas crianças e jovens vão estudar em escolas do centro ou próximas ao centro de Blumenau, a tensão que se instaura entre a língua da família e a língua da escola e da sociedade maior tende a afastá-los da língua do seu grupo étnico.

Outro fato relacionado à descontinuidade do uso do alemão pelas crianças, relatado por várias mães e avós em conversas informais ou entrevistas, também se relaciona à educação formal. A maioria dos pais da comunidade em estudo, além de manter suas roças e animais em casa, trabalha em fábricas. As crianças que ficam com os avós continuam falando alemão, as que vão para as creches da região, em geral, passam a falar português, porque as professoras não falam alemão. A maioria das professoras vem de outros bairros e centros urbanos de Blumenau onde não se fala mais o alemão. Esse fato revela que a escola (creche, jardim) acaba se tornando o primeiro obstáculo para as crianças, fator determinante a frear a continuidade da língua do grupo. A família, por outro lado, principalmente na figura da avó, tem o papel de dar continuidade à língua do grupo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa demonstram que os moradores da localidade em estudo, apesar das campanhas de nacionalização e de durante muitos anos não terem sua língua reconhecida pelos órgãos oficiais da educação, continuam falando a língua de herança no âmbito familiar e público, numa prova de que “é possível ser brasileiro em várias línguas” (Oliveira, 2004). E o fato de a língua alemã fazer parte da vida diária desses grupos bilíngües/multilíngües deveria garantir-lhes seus direitos lingüísticos, entre eles, o direito de terem acesso, via escolarização, ao letramento em português e em alemão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARTON, D.; HAMILTON, M. (1998). *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres; Nova York: Routledge.
- BHABHA, H. (1996). “O terceiro espaço. Uma entrevista com Homi Bhabha”, in: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 24, pp. 34-41.
- CAVALCANTI, M. C. (1999). “Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil”, in: *D.E.L.T.A.*, 15 (número especial), pp. 385-418.

- ERICKSON, F. (1988). "Ethnographic Description", in: U. AMMON; N. DITTMAR; K. J. MATTHEIER (orgs.), *Sociolinguistics: an international Handbook of Science of Language and Society*. Berlin/Nova York: Walter de Gruyter, pp. 1.081-1.095.
- GROSJEAN, F. (1982). *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- HORNBERGER, N. H. (2001). "Criando contextos eficazes de aprendizagem para o letramento bilíngüe", in: M. I. P. COX; A. A. ASSIS-PETERSON (orgs.), *Cenas de sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 23-50.
- KLEIMAN, A. B. (org.) (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- MAILER, V. C. O. (2003). *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Dissertação de mestrado inédita. Florianópolis, UFSC.
- MASON, J. (1996). *Qualitative researching*. Londres: Sage.
- OLIVEIRA, G. M. (2004). "Apontamentos realizados durante palestra do seminário *Silenciamento Lingüístico*, como parte das comemorações dos 180 anos de imigração alemã no Brasil". Blumenau, 14 de julho.
- SOUZA, L. M. T. M. (2004). "Hibridismo e tradução cultural em Bhabha", in: B. ABDALA JUNIOR (org.), *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Editora Boitempo, pp. 111-134.
- STREET, B. (1995). *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. Londres; Nova York: Longman.
- _____. (2000). "Literacy events and literacy practices", in: M. MARTIN-JONES; K. JONES (orgs.), *Multilingual literacies: reading and writing different worlds*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 17-29.